



ABRUEM

Informativo da Associação

Ano XXIV - Edição 487 - Brasília, 10 de fevereiro de 2023.

Unesp

ANTROPÓLOGO DA UNESP ANALISA HISTÓRICO DE INVASÕES DE GARIMPEIROS AO TERRITÓRIO YANOMAMI E OS DESAFIOS DA NOVA OPERAÇÃO DE REMOÇÃO EMPREENDIDA PELO GOVERNO FEDERAL



O governo Lula (PT) iniciou nesta semana a megaoperação de retirada de garimpeiros ilegais na Terra Indígena Yanomami, em Roraima. O ministro da Defesa, José Múcio, vai ao estado para coordenar a iniciativa junto aos comandantes das Forças Armadas. A nova gestão petista acredita que existam ao menos 15 mil garimpeiros ilegais no local, mas o número pode chegar a 40 mil. Durante sua campanha, Lula sinalizou que uma das prioridades seria a redução a zero da exploração ilegal em

terra indígena, problemas que se agravaram durante o governo Jair Bolsonaro.

Ao todo, o território yanomami tem cerca de 96 mil km². Não há um número exato de quantos invasores exploram o local ilegalmente. De acordo com autoridades envolvidas no processo, estima-se que, na previsão mais otimista, a megaoperação dure no mínimo dois meses, mas as Forças Armadas já se preparam para um período mais amplo.

Ainda no início desta semana, foram ventiladas inúmeras notícias e vídeos nas redes sociais registrando a fuga dos garimpeiros e o caos que essa movimentação está gerando na região. O ministro da Justiça, Flávio Dino, afirmou que os garimpeiros têm saído, e que o governo está acompanhando o fluxo de saída. Segundo Dino, a previsão é que esse movimento se amplie nos próximos dias. A expectativa é que, em breve, pelo menos 80% desse contingente que ultrapassa as 15 mil pessoas tenha deixado o território yanomami.

Dino chamou a situação de afastamento compulsório e disse que as ações da pasta estarão voltadas à apreensão e destruição de equipamentos e de pistas clandestinas de pouso de aeronaves. Segundo o ministro, a ação pode envolver a prisão em flagrante de pessoas. Oficialmente, o governo tem evitado dar detalhes sobre como irá proceder no processo.

Nesse bojo também há relatos de que também estão fugindo assustados da região muitos outros profissionais que não são garimpeiros. Isso inclui mulheres

que trabalham no apoio à atividade local, mas não diretamente no garimpo ilegal, entre outros.

Segundo informações na mídia brasileira, o clima é de desespero, causado pela falta de transporte, de informações e, agora, também de comida.

Em 30 de janeiro, o presidente assinou um decreto em que autorizava a Aeronáutica a controlar o espaço aéreo sobre o território indígena Yanomami. Interdição de aviões do garimpo. Aviões e equipamentos de apoio à mineração ilegal poderão ser interditados por agentes da PF (Polícia Federal), do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis) e de demais órgãos do governo, nos casos em que forem constatadas atividades ilícitas. Durante o governo Bolsonaro, esse controle foi praticamente inexistente.

Paulo José Brando Santilli, antropólogo e professor da Unesp, campus de Araraquara, relata os impactos devastadores do garimpo ilegal em Terra Yanomami. “O garimpo ilegal é devastador em Terra Yanomami ou em qualquer outra região que abrange povos indígenas e nativos de forma geral. Em termos ambientais essa atividade gera poluição da água com mercúrio e outros metais pesados, promove o desmatamento entre outros problemas. Em relação aos aspectos sociais e culturais, o garimpo ilegal é vetor de inúmeras pandemias: malárias, doenças venéreas, sarampo e gripes fortes que para essa população pode ser letal. Essas populações têm outras defesas orgânicas, mas não contra essas epidemias. Então, nas aldeias, quando uma pessoa cai com febre ou com malária ela deixa de ir à roça, caçar, pescar e aí vem a fome que gera estados de calamidades, dizimam vidas. Além disso, esses espaços acabam criando conjuntos de homens que assediam índias, exploram mulheres, tráfico de drogas e armas, enfim, devastam os povos indígenas”

Santilli explica que a grande parte dos garimpeiros é financiada por empresários e apoiada por políticos locais que se beneficiam de alguma forma dessas situações degradantes. “É uma estrutura ampla que envolve logística, transporte aéreo, de embarcações, maquinários de empresários que estreitam conexão com políticos locais, que são beneficiados com essas questões que também estão associadas ao tráfico de drogas e extração de madeira. Trata-se de um conjunto montado e articulado. Foi o tempo que o garimpeiro se dirigia a essas regiões por meio de anúncios ou espontaneamente. Por outro lado, vale sinalizar que muitas dessas pessoas que migram para esses lugares também estão numa posição difícil, pois enfrentam fome, miséria, crimes entre outras explorações que também levam à morte desses garimpeiros”.

Com vasta experiência no assunto, o antropólogo da Unesp destaca que esta ação do governo, apesar de não ser inédita, é fundamental para preservar os Yanomami e outras populações indígenas. “Esta ação é imprescindível para que o convívio na região não envolva essa violência e mortandade que

estamos assistindo. Essa também não é a primeira vez, nem segunda, nem terceira.

“A primeira grande invasão ocorreu por ocasião da abertura da Rodovia Perimetral Norte, durante o final dos anos setenta e início dos oitenta, quando milhares de garimpeiros foram para região. Posteriormente, ainda no governo Sarney, houve um decreto instituindo a criação de 18 reservas garimpeiras no interior deste território onde viviam os Yanomami.”

Ele explica que no início dos anos 1990 houve a retirada dos garimpeiros. Essa decisão foi tomada, de forma espetacular, pelo presidente Fernando Collor ainda em seu primeiro dia de mandato. Ele sabia que a questão Yanomami receberia holofotes junto à mídia internacional e poderia lhe render visibilidade. “Collor apareceu em trajes militares enquanto ocorria a explosão de pistas de garimpo”, lembra.

“A atual ação pode dar novos rumos ao cenário. Se houver uma atuação dos índios em parceria com órgãos de controle, associações indigenistas, pesquisadores e a presença do Estado por meio das Forças Armadas e PF, eu acredito que os povos e suas terras possam ser respeitados. Isso tudo tem um custo alto. Entretanto, se houver interesse por parte das autoridades, essa nova fase pode gerar possibilidades de manter uma situação adequada, resultando no crescimento demográfico das populações, na criação de novas aldeias, nos espaços de roças e em uma relação mais saudável, com condições básicas de cidadania, e na erradicação das doenças e da degradação ambiental”, diz.

Fonte: Jornal da Unesp. Texto: Renato Coelho. Imagem: Remanescente de garimpo na terra Yanomami, em Roraima; Crédito: Nacho Doce/Agência Brasil.

UEG

PESQUISADORES DA UEG DESCOBREM NOVAS ESPÉCIES DE COGUMELO E BOLOR



A equipe do Laboratório de Micologia Básica, Aplicada e Divulgação Científica (FungiLab) do Câmpus Central da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Anápolis, descobriu, recentemente, duas novas espécies de fungos no cerrado. A primeira é um cogumelo e a outra um bolor. As descobertas são parte da pesquisa de doutorado dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado (Renac|UEG), Lucas Leonardo da Silva e Antônio Sérgio Ferreira de Sá, orientados pela professora doutora Solange Xavier dos Santos.

Batizado como *Furtadomyces sumptuosus*, o

cogumelo foi encontrado em uma área de mata da Floresta Nacional de Silvânia, uma unidade de conservação na região centro-sul do estado de Goiás, que abriga diferentes fisionomias vegetacionais típicas do cerrado. Segundo os pesquisadores, o nome foi dado devido às características do cogumelo,



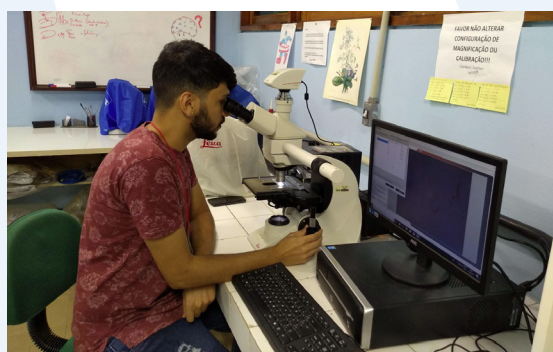
que é robusto, suntuoso, bem diferente do que se conhece como um cogumelo tradicional.

Já o bolor foi encontrado em uma das cavernas do Parque Estadual Terra Ronca, localizado no município de São Domingos, no nordeste do estado. O nome científico da espécie, *Preussia bezerrensis*, foi dado em homenagem à caverna onde ele foi encontrado, que é conhecida como Lapa do Bezerra. “A caverna é santuário natural, de rara beleza e muito difícil acesso e, por isso, a natureza lá se mantém quase intacta”, explica a professora Solange Xavier.

A professora conta que o reconhecimento e validação dessas espécies como novas para a ciência só foi possível depois de estudos bastante minuciosos que incluem a comparação com todas as outras espécies parecidas, para a constatação de que de fato nunca ninguém havia antes as encontrado. “Para isso são levadas em consideração não apenas a aparência física, mas também outras características, incluindo a análise microscópica de suas estruturas e, também, o seu material genético, seu DNA. Isso permite ainda verificar o grau de parentesco com outras espécies de fungos já conhecidos”, salienta.

Os resultados dessas descobertas foram publicados em 2022 nas revistas científicas internacionais *Mycological Progress*, volume 21 e *Persoonia - Molecular Phylogeny and Evolution of Fungi*, volume 49.

Os pesquisadores



Após a conclusão do doutorado, Lucas Leonardo da Silva candidatou-se a uma bolsa de pós-doutorado no mesmo laboratório. Sua pesquisa é focada no estudo dos fungos conhecidos como orelhas-de-pau do cerrado, que quase sempre crescem sobre madeira, são grandes e facilmente visíveis.

Lucas Leonardo acrescenta que os fungos que crescem sobre madeira merecem destaque,

uma vez que, por serem capazes de degradar e usar como alimento esse substrato de grande resistência, que é a madeira, também são capazes de decompor uma infinidade de poluentes e promover a ciclagem de nutrientes e, conseqüentemente, o equilíbrio dos ecossistemas.

Já Antônio Sérgio Ferreira de Sá está estudando os fungos que ocorrem em cavernas do cerrado. Esses fungos são microscópicos, ou seja, tão pequenos que só podem ser vistos quando estão aglomerados, formando colônias, ou então, com o auxílio de microscópios. O pesquisador explica que entre esses fungos de ambientes cavernícolas, alguns oferecem risco para a saúde, como é o caso de algumas espécies que vivem associadas a fezes de morcegos, que podem causar séria infecção pulmonar se forem inaladas pelas pessoas que adentram essas cavernas. Esse foi, inclusive, um dos objetivos do estudo do Antônio Sérgio, que era verificar a ocorrência desses fungos nas cavernas do parque e com isso o risco de visitação turística nessas áreas.

Antônio Sérgio esclarece que nem todas as espécies de fungos encontradas nesses ambientes são prejudiciais. “Se considerarmos que esses fungos são capazes de sobreviver em condições bastante rudes, em função da ausência de luz, que reduz drasticamente a disponibilidade de nutrientes nas cavernas, isso faz com que eles desenvolvam mecanismos bastante peculiares para aproveitar os poucos, ou pouco convencionais, recursos orgânicos disponíveis para garantir sua sobrevivência. Essas características fazem deles candidatos ideais a serem explorados em propostas de aplicação biotecnológica, como, por exemplo, na despoluição de ambientes poluídos por substâncias de difícil degradação”, destaca.

Próximos passos

A professora Solange Xavier, que orientou as pesquisas, explica que os próximos passos da pesquisa do FungiLab são focados na prospecção dessas novas espécies para investigação das substâncias que produzem e que possam ter aplicação em diversas áreas, inclusive moléculas desconhecidas. “Esses fungos agora estão sendo domesticados, ou seja, cultivados em meio de cultura no laboratório para que possam ser estudados quanto ao seu potencial biotecnológico”, ressalta.

O Laboratório de Micologia Básica, Aplicada e Divulgação Científica (FungiLab), coordenado pela professora doutora Solange Xavier dos Santos, vinculada ao curso de Biologia e aos programas de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da UEG, desenvolve pesquisa envolvendo diferentes grupos de fungos, especialmente com foco no cerrado.





Essas pesquisas, segundo a professora Solange, contribuem para a diminuição das lacunas no conhecimento dessa biodiversidade na região, bem como do seu potencial de exploração econômica. “Além disso, o laboratório tem como missão promover a popularização da ciência micológica (ciência que estuda os fungos), através de diferentes recursos

e estratégias de divulgação científica”, explica.

Conheça mais sobre o Fungilab em <https://micologiaueg.wixsite.com/fungilab> e @fungilab_ueg.

Fonte: Comset UEG. Texto: Dirceu Pinheiro

Uern

HOSPITAL DA MULHER IMPLANTA AMBULATÓRIO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS

Na próxima quarta-feira, dia 15 de fevereiro, às 7h30, será implantado o Ambulatório de Práticas Integrativas no Hospital da Mulher Parteira Maria Correia, administrado pela Secretaria de Saúde Pública (Sesap) e com gestão acadêmica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern).

Os atendimentos serão feitos por professores e estudantes vinculados ao Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (NUPICS). Serão ofertados atendimentos individuais e coletivos, com serviços de auriculoterapia, cromoterapia, aromaterapia, reiki, massoterapia ventosa, meditação, yoga entre outros.

De acordo com a coordenadora do Nupics, Isabel Amaral, os atendimentos do Núcleo no ambulatório da Faculdade de Enfermagem (Faen) continuarão da mesma forma, e nesse primeiro momento as atividades no Hospital da Mulher serão feitas em forma de escala. “Será um serviço a mais de práticas integrativas em saúde”, declara.

Isabel Amaral informa que todos os alunos e professores envolvidos no atendimento do Nupis, que irão atuar no Hospital da Mulher, passaram por capacitações.

O Nupics é um projeto de extensão da Uern, que visa o fortalecimento das Práticas Integrativas (PICS), do cuidado humanescente em saúde e do papel formativo e social da Universidade. Os atendimentos são gratuitos.

Fonte: Uern. Texto: Adriana Morais

UNEMAT RECEBE JOVENS DO ENSINO MÉDIO NO PROGRAMA FUTURAS CIENTISTAS



Reduzir barreiras para o acesso e permanência de meninas e mulheres nos espaços de ciência. Com esse objetivo, o Laboratório de Ictiologia do Pantanal Norte (Lipan/Unemat) recebeu, para imersão científica de jovens Futuras Cientistas, estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio, da Escola Estadual Onze de Março, em Cáceres.

Futuras Cientistas é um programa nacional que estimula jovens alunas a iniciarem na ciência por meio da pesquisa, a fim de contribuir com a equidade de gênero no mercado profissional. O projeto é financiado pelo Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (Cetene), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI).

Todas as estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas do Brasil podiam se inscrever na seleção. “A Escola Onze de Março é bastante atuante na perspectiva de trabalhos com parcerias e projetos e, portanto, engajou as estudantes nessa proposta”, avaliou a colaboradora do Lipan e orientadora do projeto, professora Beatriz Ferraz Bühler.

As participantes do edital nacional recebem uma bolsa de estudos pelo período de dois meses (janeiro e fevereiro), além de desenvolverem atividades extras veiculadas pelo Cetene (workshops e palestras).

FUTURAS CIENTISTAS NA UNEMAT: Ao todo, oito meninas participaram das atividades no Lipan/Unemat, sendo três delas pelo edital nacional do Programas Futuras Cientistas do MCTI e cinco pelo próprio Laboratório.

Esse período chamado de imersão científica incluiu 100 horas de atividades e estudos ambientais sobre rios urbanos. Entre as ações: abordagens teóricas e práticas com rodas de conversa, aulas a campo, coleta, análises laboratoriais e escrita de relatórios científicos. “Desta forma, as futuras cientistas vivenciam todas as etapas de uma pesquisa e podem entender que a ciência é construída coletivamente, em suas diferentes perspectivas, na amplitude de métodos, leituras, discussões e especialmente de pessoas”, explicou.



Sempre acompanhadas pelos professores pesquisadores e pelos monitores, as atividades foram planejadas pensando no engajamento de meninas na pesquisa e na ciência.

“O projeto fomenta a inserção de garotas na ciência e potencializa expertises. Seu desenvolvimento foi, certamente, uma ação extensionista que precisa ser ampliada, pois essa é uma ideia promissora para a contribuição da iniciação científica”, avaliou Beatriz.

Fonte: Ascom Unemat

Unitau

UNITAU INICIA 2023 ALINHADA A PRINCIPAIS TENDÊNCIAS DO ENSINO SUPERIOR



A Universidade de Taubaté retomou suas atividades para o ano letivo de 2023 com foco em um planejamento estratégico que envolve questões como formação continuada de seu corpo docente, melhorias na aprendizagem, maior engajamento social, intensificação de cooperação com o setor produtivo e apoio à saúde mental, entre outros.

O planejamento da Universidade vai ao encontro da análise “Tendências no Ensino Superior 2023”, divulgada no início do ano pelo Instituto Semesp. O documento reúne 100 indicações de 20 especialistas do ensino superior e traça um panorama sobre os principais pontos de atenção. O instituto é um centro de inteligência analítica criado pelo Semesp, entidade que reúne estabelecimentos de ensino superior, entre Centros de Educação Tecnológica, Centros Universitários, Faculdades e Universidades em todo o Brasil.

“Com quase meio século de existência, somos uma Universidade que produz ensino de qualidade, pesquisas em todas as áreas do conhecimento e extensão voltada à melhoria da qualidade de vida das pessoas. A UNITAU está presente na vida da comunidade, fizemos mais de 27 mil atendimentos ao público no ano passado por meio de nossas clínicas. A pesquisa do Semesp mostra que estamos no caminho certo. Vamos fortalecer todas essas ações em 2023”, conclui a Reitora da UNITAU, Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes.

Entre os participantes do relatório do Semesp, Janes Fidelis Tomelim, diretor de Ética e Qualidade da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), avalia que a formação docente deve ser vista como prioridade. “Se as instituições quiserem sobreviver, precisam investir em formação docente, que revolucione a mentalidade, identidade e paradigma sobre o que é ser

professor.”

Na UNITAU, o Programa de Formação Continuada dos Professores (Profoco) desenvolve, há mais de 10 anos, cursos, oficinas e seminários que trazem práticas de ensino atualizadas. A edição de 2023 ocorreu entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro, com direito a duas trilhas formativas.



“A grande maioria das oficinas oferecidas este ano foi organizada por professores da casa, para professores da casa, a partir das demandas que eles apresentaram. Tivemos 21 atividades diferentes e 175 inscritos”, comenta a Profa. Dra. Suzana Ribeiro, integrante da comissão de organização do Profoco.

Em outra tendência apresentada no levantamento, o diretor jurídico do Semesp, José Roberto Covac, aponta para a importância da aplicação das políticas de meio ambiente, responsabilidade social e governança que integram o conceito de ESG.

“As políticas de meio-ambiente, responsabilidade social e governança serão reforçadas, sobretudo, com o recém-criado Ministério do Meio Ambiente e Alterações Climáticas. Nesse sentido, haverá impactos nas Instituições de Ensino Superior, inclusive nos processos autorizativos, considerando, sobretudo, os critérios nos processos de credenciamento e credenciamento de IES.”



O Centro UNITAU Sustentável (CEUS) completa um ano de atividades em março e iniciou um planejamento para identificar a aplicação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Organizações das Nações Unidas (ONU) em toda a Universidade.

“ Fizemos a apresentação de um questionário com 25 perguntas, emitido pelo Observatório Latino Americano de ODS. Vamos nos credenciar a eles. Os ODS estão agrupados em três dimensões: a biosfera (ambiental), a social e a econômica. A UNITAU, em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) determinou que vai atuar na dimensão social, no ODS 3 (Saúde e Bem-Estar), ODS 4 (Educação de Qualidade), ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes)”, afirma o Prof. Dr. Paulo Fortes, presidente do CEUS.

Ex-reitor da Unicamp entre 2017 e 2021, o Prof. Dr. Marcelo Knobel destaca, no documento do Semesp, uma maior atenção das instituições a questões de inclusão de diversidade.

“É provável e saudável que ocorra uma maior atenção a questões de inclusão e diversidade no ensino superior, como a promoção de acesso a estudantes de grupos subrepresentados e a inclusão de perspectivas diversas nas aulas e programas de estudo.”

O coordenador adjunto do Mestrado em Desenvolvimento Humano da UNITAU, Prof. Dr. André Luiz da Silva, reforça que essas questões também integram o PDI da UNITAU.

“Foi a audição da comunidade acadêmica, de toda a comunidade da Universidade que levou como uma preocupação e uma demanda para a UNITAU do futuro as questões da valorização da diversidade, da pluralidade, do respeito.”

A UNITAU continua com matrículas abertas para o ano letivo de 2023, com provas online agendadas para os dias 8, 16 e 28 de fevereiro. Quem ingressar até o dia 10 de fevereiro garante um desconto de até R\$ 800,00 no valor por meio da bolsa primeira matrícula. Já a bolsa apoio graduação concede um desconto de R\$ 700 até o dia 10 de fevereiro.

Fonte: ACOM/UNITAU. Fotos: Leonardo Oliveira - ACOM/UNITAU



**Associação Brasileira dos
Reitores das Universidades
Estaduais e Municipais**

Expediente

www.abruem.org.br

Email: abruem@gmail.com

Jornalista responsável - Núbia Rodrigues. DRT: 2252-GO

Diagramação: Graziano Magalhães

Secretaria Executiva: Carlos Roberto Ferreira

Secretaria Geral: Denize Alencastro